

Motivação: motivo da ação

Moraes, Doralice Marcolina de

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Moraes, D. M. d. (2006). Motivação: motivo da ação. *ETD - Educação Temática Digital*, 7(esp.), 79-83. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101956>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

MOTIVAÇÃO: MOTIVO DA AÇÃO!

Doralice Marcolina de Moraes

RESUMO

A partir das leituras e reflexões a respeito da temática Motivação, busco por meio deste relato, discutir os aspectos importantes sobre a motivação tanto docente quanto discente, contando com as contribuições da Psicologia. É válido ressaltar a importância da motivação num processo de ensino e aprendizagem que tem como premissa o prazer e o sentido tanto em ensinar quanto em aprender, possibilitando uma efetiva construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVES

Motivação; Aprendizagem; Relação professor-aluno

MOTIVATION: THE REASON OF THE ACTION

ABSTRACT

Beginning with the readings and reflections about the Motivation theme, I search, with this report, to discuss important aspects about the motivation of the learning and teaching staff, counting with contributions from Psychology. It's worth to rebound the importance of motivation on the teaching and learning process, that have as premise the pleasure and the sense so much in teaching as in learning, making possible an effective construction of the knowledge.

KEYWORDS

Motivation; Learning; Teacher-student relation.

Assim que escolhi o sub-tema motivação, percebi que seria fundamental ler o dicionário Aurélio, pois queria verificar o que significava este termo. Fiquei contente, pois já tinha o significado da palavra. Mas no encontro com Ana Aragão, ela disse que o dicionário Aurélio não definia corretamente o tema, sugeriu a leitura de um dicionário de Psicologia. Dessa forma, constatei a diferença entre ambos, segundo o dicionário de Psicologia, motivação é um estado subjacente inferido que energiza o comportamento, provocando a sua ocorrência. Só essa leitura e o encontro com Ana Aragão me fizeram perceber a necessidade de estar levando para a sala de aula não só o dicionário Aurélio, mas também o de Geografia, pois existem várias palavras que o dicionário Aurélio não consegue definir corretamente, são conceitos da geografia, sendo que o esclarecimento sobre o significado das palavras pode motivar e estimular a aprendizagem.

Interdisciplinaridade: Alguns Caminhos, Algumas Possibilidades

Grupo de Pesquisa em Ensino Superior

Ao ler o texto de Boal (2000), sobre motivação, constatei que nenhuma motivação é pura e permanente, idêntica a si mesma. Queremos e não queremos. Esta leitura me fez refletir sobre minhas atividades em sala de aula, passei a planejar as aulas, procurei diversificar as atividades e também monitorar as atividades constantemente. Passei a fazer anotações sobre as atividades que agradavam aos alunos e as que não. Essa mudança de prática permitiu que constatasse que o mesmo conteúdo pode e deve ser planejado com estratégias diferentes para os grupos ou séries. Temos que conhecer o grupo e sua dinâmica.

Após algumas leituras, cujo enfoque afirma que poucos jovens atribuem à escola e aos estudos uma forma de alcançar seus objetivos, pude ver o quanto estava enganada, pois pensava que os jovens se sentissem motivados em estudar para se realizar profissionalmente. Nossa, quanto engano! Eles atribuem ao fator sorte e satisfação pessoal e não aos estudos. Mudei o discurso, passei a não ser enfática em dizer que a escola e o estudo seriam fatores determinantes para seu sucesso. O próprio texto me deu pistas de como discutir satisfação pessoal com as classes. Elaborei uma dinâmica de introdução, conteúdos novos, perguntando ao grupo o que é satisfação pessoal individualmente. E a partir das satisfações pessoais, procurei mostrar como esse conhecimento poderia contribuir, para sua satisfação pessoal, sendo visto como uma forma de seduzi-los.

Até este momento estava tudo correndo bem, eu lia e fazia anotações aleatórias. Mas Ana Aragão pediu um relatório e um encontro. Que loucura para organizar os dados e leituras! Percebi a dificuldade, que sufoco, me coloquei no lugar do meu aluno, teria que escrever, seria avaliada. Como diz meus alunos “amarelei”. As contribuições foram muitas, tenho que sistematizar o conhecimento, organizar os textos e leituras. E também deixei de dizer para os meus alunos “pesquisem isto ou aquilo!”, tenho hoje a preocupação de dizer a eles que é importante pesquisar, como estudar, ou seja, resalto que é importante eles estarem atentos, dou pistas.

Em todo este movimento de organização de leituras e reflexões, deparei-me com a poesia de Ademar Ferreira dos Santos (s/d). Que diz o seguinte:

Não cobiço nem disputo seus olhos, não estou sequer à espera que deixes ver através dos teus olhos, nem sei tão pouco, se quero ver o que vêm e do modo como vêm seus olhos. Nada do que possas ver, me levará a ver e a pensar contigo, se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar comigo.

É muito lindo e profundo, tenho que respeitar as individualidades, estar mais atenta, mostrar ao aluno as diferentes visões sobre os conteúdos, ou seja, teoria e pensamentos sobre o mesmo tema.

Interdisciplinaridade: Alguns Caminhos, Algumas Possibilidades

Grupo de Pesquisa em Ensino Superior

Desta forma passarei a respeitar sua construção de conhecimento, cada um terá que aprender a ver pelos próprios olhos e a pensar.

Em uma reunião com Ana Aragão, coloquei minhas angústias e dilemas diante do tema, ela me ouviu e orientou-me na leitura de alguns textos e atividades que poderiam ser realizadas e como realizá-las. Uma de suas sugestões foi a leitura da Teoria da Causalidade de Martini, Boruchovich, (2000). Essa teoria foi sugerida devido ao meu pensamento de sempre atribuir uma causa a uma ação ou vice e versa. Age-se assim por causa disso ou por causa daquilo. Essa leitura mostrou-me que eu tinha uma visão simplista sobre o comportamento do adolescente, percebi outros fatores que tenho que levar em conta, tais como, biológicos e psicológicos não apenas econômico-sociais. Passei a olhar o adolescente como um todo. E também pode ser ou não, rotular nunca.

A leitura do livro *Mentes Inquietas*, Silva (2003) me propiciou a compreensão das alterações emocionais de meus alunos. Constatei que os jovens são muito intensos, eles têm dificuldades em lidar com suas emoções, às vezes estão distantes, longe, “voando”. Passei a refletir sobre como atrair a atenção dos alunos para meu componente curricular, que no caso é geografia. Coloquei atividades lúdicas em minhas aulas, planejei aulas mais dinâmicas para evitar o tédio.

A na Aragão tinha sugerido algumas leituras que aponto no texto, sendo que neste momento, eu estava fazendo o curso na Unicamp, no projeto *Teia do Saber*. Um dos módulos foi a *Televisão em sala de aula*, ministrado pela professora Karina Kosicki Bellotti. Foi muito interessante perceber o papel poderoso que a escola (professor) possui, pois podemos atuar na educação do olhar do aluno, deter o olhar a fim de entender discursos, representações e interesses que produzem e sustentam as imagens veiculadas pelo meio de comunicação. Desmaterializando a linguagem midiática (Laura é midiática mesmo, pois vem de mídia) audiovisual e, desta forma desenvolver no aluno uma sensibilidade perante artefatos onipresentes no dia a dia. Procurei ficar atenta a discussões de vários programas de TV. Tais como, *Malhação*, *Fantástico*, filmes. Desta forma, consegui uma aproximação maior entre o aluno e o conteúdo de Geografia. Estarei atenta e explorando possibilidades de abordagem em sala de aula.

A leitura do livro de Sadalla (1998) me ajudou a compreender que o professor reflexivo avalia sua prática, com a pergunta do tipo “gosto dos resultados?”, e não se os resultados foram atingidos. Muitas vezes não gosto dos resultados, descobri que não gosto quando percebo que os alunos não sentem prazer em realizar as tarefas, fazem simplesmente visando o desempenho. Alves (1993 *apud* Sadalla, 1998) afirma que “O prazer disciplina: indisciplinados são os que não têm paixão por coisa alguma”. Passei a seduzir os alunos na busca e na construção do conhecimento. E o próprio texto me deu subsídio de como seduzi-los. Sadalla (1998) diz que o afeto é a energia necessária para que o “motor”

cognitivo passe a funcionar. Nossa, é simples! Passei a ter mais diálogo, carinho e atenção com meus alunos.

Devido ao item citado a cima, reli o texto de motivação intrínseca e extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula, de Guimarães (2001). Compreendi os componentes da motivação intrínseca e extrínseca. Após a avaliação da minha pratica pedagógica, notei que ao apresentar um determinado conteúdo, tenho que chamar a atenção para o conteúdo em si, destacar a sua relevância para a vida do aluno, construir confiança quanto ao término dos trabalhos, apresentar níveis adequados de desafios, despertar curiosidade, diversificar as propostas de atividades, entre outras. Fazer mais freqüentemente o uso do elogio ao esforço pessoal, valorizar. Planejarei as atividades que contemplem desafios, promovam a curiosidade e com mais fantasia, ou seja, usarei o lúdico, procurarei discutir e compartilhar as discussões com os alunos.

Ao ler o texto de Bzuneck (2001), que trata da motivação do aluno orientando as metas de realização, constatei que o aluno traz junto a si metas de desempenho e metas de aprender. O mais surpreendente para mim, foi a diferença entre elas. A meta de realização que corresponde a um conjunto de cognições ou esquemas mentais envolvendo propostas, crenças, atribuições e percepções e por sua vez, levam a decisões comportamentais e a reações afetivas. Sendo assim, cada meta de realização representa para o aluno, uma razão especifica para buscar esforço ou outros objetivos desejados. Então, enquanto orientadora, mediadora do conhecimento aprendi que devo interferir e levar o meu aluno a meta de aprender, ou seja, aprender a aprender. E também percebi que tenho muito a aprender sobre este tema. E principalmente aprender a aprender.

Esse relatório está sendo produzido devido ao afeto e a dedicação de Ana Aragão, agradeço sua motivação que me faz acreditar que sou capaz. Graças a esta oportunidade de estar participando desse grupo de estudo, minhas aulas serão melhores nesse ano, não me falta motivação, em minhas férias, visitei o centro de atendimento ao turista, estou cheia de idéias para os alunos trabalharem e confeccionar um folder do bairro. Elaborei um quadro, onde os alunos poderão se perceber como agentes na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. [S.I]. Ed. Civilização Brasileira, 2000.

BORUCHOVITCH, E. BZUNECK, J. A. **Motivação do Aluno**. Campinas: Vozes, 2001.

Interdisciplinaridade: Alguns Caminhos, Algumas Possibilidades

Grupo de Pesquisa em Ensino Superior

MARCONDES, B. MENEZES, G. T. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. [S.n.t.].

Poesia de Ademar Ferreira dos Santos, [S.n.t.].

SADALLA, A. M. F. de A. **Com a palavra, a professora**: suas crenças, suas ações, Campinas: Alínea, 1998.

SILVA B. B A. **Mentes inquietas**. São Paulo: Ed. Gente 2003.

STRATTON, P. NICKY H. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Pioneira 1994.

DORALICE MARCOLINA DE MORAES

Licenciada em geografia.
Professora de 5^a à 8^aséries
da EMEF Padre Francisco Silva.
e-mail: doramf@yahoo.com.br

ARTIGO RECEBIDO EM: 10/01/2006-05
Aceito para publicação em: 09/05/2006